

Depois, todo mundo vira adivinho

Categories : [Marcos Sá Corrêa](#)

Quem pôs os olhos no céu do Rio de Janeiro nesse réveillon viu mais do que fogos de artifício. Viu um raro espetáculo meteorológico.

Meia hora antes da pirotecnia oficial, as nuvens se ergueram sobre a cidade. Primeiro, destampando as praias, como se erguessem a cortina para o show da prefeitura. Depois, sobre a Zona Sul, uma lua cheia, que já ia alta, mas ainda não tinha aparecido, deu o ar de sua graça. Na hora certa, até a estátua do Redentor saiu da cerração no topo do Corcovado. À meia-noite em ponto, o Rio estava pronto para a festa. Tudo nos conformes, como previa o contrato dos poderes públicos municipais com a medium Adelaide Scritori, da Fundação Cacique Cobra Coral – “a luz que ilumina os fracos e confunde os poderosos”, segundo sua própria definição. Trata-se de uma instituição tipicamente carioca, a Cobra Coral, embora Adelaide Scritori seja paranaense e preste serviços em outras praças, inclusive no exterior. Mas foi no Rio que ela se incorporou à administração local, pelo menos desde que o prefeito César Maia inaugurou em 1993 o primeiro de seus três mandatos debaixo de um temporal que derreteu morros e inundou bairros na cidade inteira.

Na ocasião, embalado pela campanha que acabara de derrubar o presidente Fernando Collor, o sociólogo Betinho propôs o impeachment do prefeito. E Cesar Maia nunca mais se descuidou do convênio com a fundação, para fins de prevenção meteorológica.

No ano passado, quando o Eduardo Paes tomou posse na prefeitura, o contrato com a Cobra Coral veio à tona como mais uma excentricidade do antecessor, desentranhada de suas contas pelas lutas da troca de comando no município. Mas nesse ponto a mudança durou pouco. O sucessor renovou o acordo com a Cobra Coral em 22 de janeiro. E, em seu réveillon de estréia, a medium Adelaide Scritori veio expressamente de Buenos Aires para encorpar o palanque das autoridades.

Deve-se admitir que ela brilhou na festa, fabricando tempo bom sob medida para os fogos. Dois dias depois, meteorólogos de extração mais científica iriam atestar que ocorreria naquela noite um fenômeno raro, instalando na hora certa sistema de baixa pressão sobre a cidade e conjurando ventos que viraram as chuvas para o sul. Ou seja, para os lados da cidade de Angra dos Reis e para a Ilha Grande, onde a mansa praia do Bananal, que as notícias do desastre continuam a chamar de “Paraíso”, amanheceu sob 20 metros de lama e pedra.

Aí o réveillon já estava longe, superado por mais de 50 mortes. E nos jornais, em lugar das incertezas meteorológicas, a catástrofe em Angra dos Reis atravancou os jornais com certezas vindas de todos os lados. Pelo visto, todo mundo sabia que o litoral apelidado pelo marqueting turístico de Costa Verde, revolvido há pelo menos 20 anos pela febre de grilagens que contagiou

pobres e ricos, trocou a mata de seus morros quase a prumo pela favelização gritante e privatizando suas enseadas selvagens por condomínios particulares. Tudo igualitariamente ilegal.